

Anarquia nos sonetos de José Oiticica?¹

Maria Aparecida Munhoz de Omena

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a relação ou as relações entre o teórico e ativista político e o poeta José Oiticica, já que é evidente a presença de conceitos morais e políticos nos poemas de **Fonte Perene**. O estudo inicial mostra um conflito entre o espírito ativo e ativista, portador de conceitos de uma visão política, e o espírito sensível e inspirado de um poeta preocupado com a natureza interior humana. Sob o ponto de vista formal, essa tensão é traduzida já na escolha do soneto, a mais “fechada” e estruturada das formas poemáticas. Chama a atenção o fato de, ativista do Anarquismo, que pregava a dissolução da estrutura de governo e de poder político no país e no mundo, o poeta ter escolhido justamente o soneto para expressar suas ideias políticas.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; História e crítica; Poesia brasileira; Anarquismo e anarquistas na literatura; José Oiticica.

¹ 1ª. Autora: Profa. Dra. Maria Aparecida Munhoz de Omena, professora titular de Literatura Brasileira. (Faculdade de Educação, Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível. Monte Aprazível/SP, Brasil) cidinhaomena@yahoo.com.br

²ª. Autora: Profa. Dra. Luciane Munhoz de Omena, professora efetiva em História Antiga. (Universidade Federal de Goiás, Brasil) lu_omena30@yahoo.com.br

Abstract: This article has as objective to analyze the relationship or the relationships between the theoretical and political activist and the poet José Oiticica, since it's obvious the presence of political and morality concepts in **Fonte Perene**. The initial study shows a conflict between the active and activist spirit, which has concepts from a political view, and the sensitive and inspired spirit from a poet worried with the human inside nature. At the formal point of view, this tension is translated since the choice of the sonnets, the closest and the most structured of all poetic forms. It calls the attention the fact that, activist from the Anarchism, which preached the dissolution of the government structure and the political power in his country and in the world, the poet has chosen exactly the sonnet to express his political ideas.

Keywords: Brazilian literature; History and criticism; Brazilian poetry; Anarchism and anarchist in literature; José Oiticica.

Há um interstício entre o Simbolismo e o Modernismo brasileiros que usualmente os críticos e historiadores literários, à falta de outro conceito, costumam denominar "Pré-Modernismo". Trata-se de uma "fase" da nossa literatura que não se pode medir em termos de uma sequência temporal única, que corresponderia a um período situado entre as últimas produções simbolistas e as primeiras modernistas, mas, ao contrário, penetra e, em alguns casos, ultrapassa temporalmente o próprio período modernista *stricto sensu*. A grande quantidade de poetas — e bons poetas — e a variedade de poéticas por eles praticadas — algumas muito próximas dos princípios parnasianos e simbolistas — tem levado os estudiosos a operar confusões no enquadramento das produções em termos de estilo de época. Por esta razão, as antologias costumam apresentar contradições, umas classificando determinado poeta como "parnasiano", outras como "simbolista" e outras, ainda, como "pré-modernista".

Caso dos mais interessantes ocorre com José Rodrigues Leite e Oiticica (José Oiticica). Sua obra poética é classificada por Fernando Góes (1960) como "pré-modernista", talvez pelo fato de haver publicado uma primeira série de sonetos em 1911 e uma segunda, em 1919, três anos, portanto, antes da deflagração do movimento modernista. Outras antologias e publicações especializadas, todavia, não fazem menção nem ao poeta, nem à obra, como se não existissem ou fossem completamente desimportantes. Uma primeira leitura do último livro que publicou em vida, **Fonte**

Perene (1954), revela, todavia, uma poesia vigorosa, à altura dos considerados bons poetas do período.

O Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado, , do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, contrariando a tendência de críticos e de historiadores que preferem o estudo e a análise dos autores considerados "de ponta", debruça-se sobre a figura e a obra de José Oiticica, procurando resgatar-lhe não apenas a produção intelectual em diferentes campos, mas também a sua atuação concreta como indivíduo ativo e participante. Posições como esta mostram o quanto a crítica e a história literárias estão a dever com respeito ao resgate de autores e obras do período mencionado e de outros, anteriores e posteriores.

A força revelada pela poesia de Oiticica parece estar numa obstinada busca pela explicação ou desvelamento de certos conceitos — Deus, o Homem, o Universo, a Verdade — que se corporifica em cada poema como reflexões vigorosas sobre a origem da vida, o destino do homem, a existência ou inexistência de Deus, a morte, a relação entre o homem e o universo, etc. etc. Tal temática leva o leitor a interessar-se não apenas pelo poeta, mas pelo homem por trás da poesia que parece alimentar e municiar o autor, conduzindo o leitor a nova surpresa, já que a riqueza e a variedade da poesia de José Oiticica acabam por se defrontar com a riqueza e a variedade do homem José Oiticica.

Oiticica nasceu em 22 de julho de 1882, na cidade de Oliveira (Minas Gerais). Fez o curso de Direito, iniciou o de Medicina, mas não o concluiu. A evolução progressiva de suas ideias levou-o a iniciar sua militância em 1912. Desde então passou a colaborar sistematicamente na imprensa operária e anarquista. Teórico anarquista e ativista associou-se ao Centro de Estudos Sociais, ministrando conferências em sindicatos e muitas vezes participando, ao lado dos trabalhadores, de agitações sociais. Em 1914 passou a lecionar na Escola Dramática do Rio de Janeiro. Depois de participar de seis concursos, alcançando sempre o primeiro lugar, e nunca sendo nomeado, em 1917, conquistou a Cátedra de professor de português do tradicional Colégio Pedro II, apresentando nesse período uma tese brilhante sobre fonética, **Estudos de Fonologia**, em que já trabalhava na prática com a noção moderna de "fonema", embora a fonologia tenha começado a existir no Brasil apenas a partir do fim dos anos 40. Em novembro de 1918, acusado de ser um dos responsáveis de promover a greve geral insurrecional, foi

detido e deportado. Ao retornar ao Brasil, tomou parte da Liga Anticlerical do Rio de Janeiro e em 1924 foi novamente preso devido aos seus ideais libertários. Durante os anos vinte, denunciou a subida do autoritarismo bolchevique na Rússia e as divisões que se criaram entre os trabalhadores. Nos anos de 1929 e 1930, lecionou português e literatura na Universidade de Hamburgo, Alemanha. Gramático, poeta, contista, dramaturgo, musicista, linguista, fonetista, filólogo, teórico anarquista, Oiticica foi um dos mais importantes pensadores e intelectuais do Brasil de sua época, publicou um significativo conjunto de obras nessas áreas. Como se pode notar, a vida intelectual de Oiticica foi intensa. Além do que foi mencionado, o autor deixou mais de 1.500 trabalhos publicados em jornais e revistas.

Estas verificações preliminares revelam não apenas aspectos do homem, do ativista, do filólogo e do poeta José Oiticica, mas também apontam a uma época da História do Brasil que, infelizmente, não tem sido devidamente explorada pelos estudiosos de Literatura, época que pode ser colocada, grosso modo, de 1900 a 1930, em alguns casos com extensão para décadas posteriores. No campo da crítica e da história literárias, esse período apresenta dezenas, talvez centenas de escritores de talento cujas obras vêm sendo desprezadas, o que cria uma responsabilidade aos pesquisadores atuais: resgatar, passo a passo, figura a figura, obra a obra, essa literatura hoje apenas conhecida de uns poucos.

No caso específico de José Oiticica, os questionamentos iniciais que fomentaram o presente estudo foram: teria o poeta Oiticica passado ileso pelo teórico e ativista Oiticica na obra **Fonte Perene**? Em um ou outro caso, sua poesia merece o desprezo que lhe tem dedicado a tradição dos estudos de literatura em nosso país, por ser vazia, destituída de vínculos com seu tempo e inteiramente nefelibata? Por que o autor, sendo ativista do Anarquismo, que pregava a dissolução da estrutura de governo e de poder político no país e no mundo, escolheu o soneto, a mais estruturada e centralizadora forma poemática, como expressão de sua arte?

A análise dos poemas e os estudos teóricos realizados ao longo da pesquisa possibilitaram a compreensão de tais questionamentos. Inicialmente, pode-se dizer que há uma tensão entre uma visão materialista e uma visão espiritualista em grande parte dos seus sonetos. Pode-se dar como exemplo os poemas ou as passagens em que o eu

poemático, na esteira, talvez, do ativista ateu, tentando negar a ideia de Deus, sem querer, ou por essa mesma negação, a afirma, como se percebe no soneto abaixo:

O Único

Tu não és fogo, porque o fogo morre.
 Não és bem, porque o bem supõe o mal.
 Não és fluido, que o Fluido, igual, decorre,
 Em ondas vãs, da Essência Universal.

Não és caos; não és massa que se forre
 Às pressões, aos limites, ao gradual,
 Nem a Substância de onde emane ou jorre,
 Em seqüência de leis, a Lei Causal.

Não pensas, pois quem pensa é *como* e *quando*.
 Não vives: Vida é forma, tempo e ação...
 Nem és Deus... És o não-criador, sem mando.

Sim! És o Imanifesto, o Sem, o Não,
 O Jamais, o Ninguém... Tu só... vibrando...
 E inconsciente da própria vibração!¹

Fenômeno oposto ocorre em sonetos ou passagens em que a afirmação de religiosidade acaba sendo uma negação de religiosidade, pelo desvelamento irônico das contradições da crença religiosa, como se verifica em *O Messias*.

O Messias

"Pai! Tira-me êsse cálice nefando!"
 E outra vez a invisível mão de Deus
 Lhe renova, na treva, o horrível mando.
 "Cumpram-se, Pai, os predesígnios teus!"

E, no frio da noite inane, quando
 Se amiudam chios e ais nos gineceus,
 O Justo, resignado, foi tragando
 A poção – sangue e fel – dos filisteus.

"Pai! Bebi o teu cálice de morte!"
 E então, no horror do céu sem uma luz,
 Um listão se acendeu de sul a norte.

E êle viu o esplendor da sua cruz...
 E ergueu-se mais feliz, mais fiel, mais forte,
 Mais capaz de salvar-nos que Jesus.

Este recurso de negar e de afirmar e o uso de termos ou de imagens ligadas à crença cristã são freqüentes em **Fonte Perene** e normalmente ocorrem como meio para

o questionamento e a desconstrução dos mitos religiosos. Apesar de relevante, este não é o único aspecto a ser comentado. Há poemas em que o eu lírico mostra a importância de se posicionar como modelo ético, para que outros sigam seu exemplo.

O Modelo

Se queres que outros creiam, crê primeiro,
Faze-te Boa-Nova e acende-a em ti.
Só terás gestos e aura de pioneiro
Se tua alma for surto e frenesi.

Quem deseja arrastar ao seu outeiro
Tribos sem deus precisa ser David,
Ter uma harpa, ter juntas de guerreiro,
Saber cantar e combater por si.

Sê mais tu, mas alguém, mais punho rude,
O sem par, o sozinho, o último, o Herói,
O que põe no melhor toda a virtude.

Torna-te exemplo... o exemplo é que constrói!
Finge até que o teu sonho não te ilude
E que a tua amargura não te dói.

O próprio título do soneto, *O Modelo*, já contém em si o significado do indivíduo a ser imitado. Começam a surgir, no primeiro verso, alguns indícios de como deve ser esse novo homem: /Se queres que outros creiam, crê primeiro,/. Não há como influenciar outras pessoas com novas crenças – sejam religiosas, políticas ou sociais – se aquele que as propõe não acredita profundamente em seus pressupostos. Assim, o eu poético aconselha: /Faze-te Boa-Nova e acende-a em ti./ O termo bíblico *Boa-Nova* refere-se ao Evangelho, às palavras de salvação de Cristo; é comum em **Fonte perene** a presença de situações que assemelhem o trabalho do cristão ao de um “eu” que propõe justamente a desmistificação religiosa. No verso anterior, a proposta é bastante clara: faça o seu próprio evangelho. E o eu lírico continua a advertir: /Só terás gestos e aura de pioneiro/ /Se tua alma for surto e frenesi/. Esse “eu” somente poderá anunciar algo novo, ser pioneiro de novas propostas, se sua alma for feita de desejo e entusiasmo.

Na segunda estrofe, os conselhos para a transformação desse homem continuam: /Quem deseja arrastar ao seu outeiro/ /Tribos sem deus precisa ser David,/. Para que outros creiam na não existência de deuses é “preciso ser David”. A referência a David mostra que esta tarefa será bastante difícil. Conforme Schiavo, “Davi, filho de Jessé, segundo rei de Israel, (...) era um guerreiro e trazia as mãos tintas de sangue, (...).

Desde a sua juventude esteve Davi sempre em guerras” (s/d: 77- 8). Esse “eu”, portanto, terá de lutar muito, ao mesmo tempo que possuirá o lirismo da música, as habilidades de um guerreiro e a capacidade de combater por si só.

A terceira estrofe continua com a mesma proposta de exemplificação de como deve ser esse modelo de indivíduo: /Sê mais tu, mais alguém, mais punho rude,/ /O sem par, o sozinho, o último, o Herói,/ /O que põe no melhor toda a virtude./ Esse novo “eu”, portanto, precisa ser forte, ainda que sozinho. Como herói, necessita ser extraordinário em seus feitos, colocar a melhor virtude em todas as suas ações.

A quarta estrofe encerra a opinião do eu lírico sobre como alcançar os conselhos propostos: /Torna-te exemplo... o exemplo é que constrói!/ /Finge até que o teu sonho não te ilude/ /e que a tua amargura não te dói./ Aqui é possível perceber que esse novo homem deverá superar seus sentimentos para se tornar o exemplo. Neste soneto, presente no capítulo denominado *Assim Falou...*, há influência nítida com a obra **Assim falou Zaratustra**, de Nietzsche, escrita entre os anos de 1883 e 1885. O filósofo propõe, igualmente, a conscientização das pessoas para que possa surgir, em sociedade futura, um novo homem, o super-homem, alguém que esteja liberto das mentiras criadas pelas instituições e que, deste modo, possa se realizar enquanto indivíduo, podendo alcançar a verdadeira felicidade.

Até este ponto ficaram evidentes dois aspectos presentes na poesia de Oiticica: primeiro, a tensão entre materialidade e espiritualidade expressa pelo constante questionamento sobre a existência ou não de Deus; segundo, a tentativa de mostrar que o “novo homem” deve ser alguém que, antes de tudo, dê o exemplo para que outros o possam seguir. Tais reflexões são comuns às correntes anarquistas. Outro ponto crucial defendido entre os libertários diz respeito à união e à colaboração entre os trabalhadores. Isto ocorre, de acordo com Proudhon (1997, p. 128), pelo simples fato de o homem isoladamente não ser capaz de prover todas as suas necessidades; “toda a sua potência está na sociedade e na combinação inteligente do esforço universal”. A variedade, qualidade e quantidade dos produtos criados pelos homens, deste modo, dependem da divisão de trabalho.

Nesse sentido, em *O merecimento*, poema abaixo, o eu lírico se apresenta como um trabalhador, pois tem calos nas mãos e, ao mesmo tempo, “searas na alma”, possíveis campos já germinados de reflexões. O segundo verso /Semeio e colho para os

meus irmãos/ remete-se à noção de trabalho em conjunto, de doação, de irmandade, de trabalho voltado não para um indivíduo, mas para a comunidade como um todo. Muitos anarquistas propõem a associação entre os trabalhadores, para que todos possam gozar dos frutos do trabalho. O próprio Oiticica (1983) esclarece que só a colaboração e a harmonia entre os trabalhadores são capazes de gerar fartura e bem-estar a todas as pessoas.

O Merecimento

Tenho calos nas mãos e searas na alma.
Semeio e colho para os meus irmãos.
Meu prêmio é merecer e minha palma
Ver todos menos dúbios e mais são.

Feliz de quem, tateando embora, enxalma
Chagas alheias com piedosas mãos
E, tirando de si, dá fôrça e calma
A inércia e ao malestar dos homens vão.

No meio da subida eterna e rude,
Bendito o que tem braço para erguer,
Glória ao que me levante por virtude!

E infeliz do que, vendo alguém sofrer,
Podendo socorrê-lo, não o ajude
E passe, indiferente ao seu dever.

O poema todo reflete a importância da fraternidade e da solidariedade, elemento fundamental da doutrina anarquista. Woodcock (1983, p. 195) comenta que grande divulgador desse pensamento no meio libertário foi Kropotkin, pois o anarquista “acreditava fervorosamente na solidariedade humana”. Nesse sentido, a segunda estrofe deixa explícita a mensagem de que a ajuda ao próximo, mesmo quando se trata de “homens vão”, é essencial. Por isso, o eu lírico elogia, na terceira estrofe, aqueles que têm braços para erguer os necessitados e glorifica os que fazem isso por virtude. O último terceto encerra a opinião desenvolvida com o seguinte desfecho: /E infeliz do que, vendo alguém sofrer,/ /Podendo socorrê-lo, não o ajude/ / E passe, indiferente ao seu dever./ A fraternidade e a ajuda ao próximo são compreendidas como a única saída e como uma obrigação do indivíduo que, sendo indiferente a esse tipo de situação, na verdade, não cumpre com sua função social. Este modo de entender a vida em sociedade

está profundamente ligado à doutrina anarquista, colocada, no soneto abaixo, como ideal humano:

A Ronda Heróica

Pela santa Anarquia – ideal humano –,
 Mais uma vez, o cárcere transpus...
 E aqui, neste cubículo tirano,
 Aos meus dou meu perdão, como Jesus.

Sei que, através de muito desengano,
 Temos de ensangüentar a nossa cruz
 E transformá-la, sós, ano após ano,
 De lenho infame em tocha que conduz.

Na Espanha, heróico, o lábaro anarquista
 Vejo, em cada trincheira, trapejar...
 Aponta ao mundo o rumo da conquista!

De olhos nele, prosterno-me a rezar...
 E, aos poucos, vai surgindo, à minha vista,
 A ronda dos seus mortos a cantar!

Logo no primeiro verso, lê-se: /Pela santa Anarquia – ideal humano –/. O anarquismo é apresentado como ideal humano, a grafia do vocábulo *Anarquia* com inicial maiúscula não deixa dúvida. O eu poético, no entanto, mostra que essa conquista não será facilmente conseguida, é preciso “ensangüentar a nossa cruz” para transformá-la “em tocha que conduz”. Segundo a doutrina cristã, Cristo questionou dois elementos fundamentais, que caminhavam juntos, em Israel, durante a dominação romana: a religião e a política; foi por isso preso, martirizado e crucificado; o sangue, fruto de seu sofrimento, simboliza todo o martírio vivido para que a Humanidade fosse salva.

Também o movimento anarquista, por seu caráter altamente questionador das instituições, nunca foi tratado de forma pacífica no mundo inteiro. Houve muitos conflitos; a principal manifestação ocorrida aqui no Brasil foi a conhecida Greve Geral de 1917, que marcou um momento de forte crise no país. Os trabalhadores passavam por inúmeras dificuldades, como a exploração do trabalho, refletida em salários baixíssimos que não combinavam com o aumento excessivo nos valores dos produtos alimentícios, de saúde, de higiene, ou seja, de todos aqueles considerados de primeira necessidade. Diante do exposto, os libertários aproveitaram a oportunidade para tentar conscientizar os operários sobre a necessidade de mudanças radicais. O argumento mais

forte era esse sobre o custo de vida que, nesse período, estava subindo exageradamente. Rezende comenta que alguns produtos “chegaram a custar 160 vezes mais que no ano anterior” (1994, p. 17).

Diante de tantas carências, os funcionários da fábrica de tecidos Crespi, localizada em São Paulo, iniciaram uma das mais famosas greves. O movimento foi aos poucos chegando ao conhecimento de outros trabalhadores; a morte de um manifestante, pela polícia, fez com que mais indivíduos aderissem à paralisação, provocando grande agitação política e prejudicando as principais atividades econômicas da cidade. Há controvérsia com relação ao número de participantes: Rezende declara a participação de aproximadamente 75 mil trabalhadores, já Hall e Pinheiro afirmam que “cerca de 45.000 pessoas pararam de trabalhar” (1985, p 105), fazendo com que as autoridades civis perdessem o controle da maior cidade do país por vários dias. De qualquer modo, levando-se em conta as características da época, o número exato perde relevância quando comparado ao movimento em si. São Paulo já no início do século XX era uma grande metrópole, por isso este acontecimento entrou para a história. A organização e comando da greve são administrados por militantes anárquicos radicados no país e por brasileiros como José Oiticica, que acabou preso, por ser considerado um dos responsáveis.

Assim, quando o poeta escreve: /Mais uma vez, o cárcere transpus/ /E aqui, neste cubículo tirano, / / Aos maus dou meu perdão, como Jesus/ é possível perceber um eu poético que sabe, sente e vivencia esse instante de sacrifício. Ao mesmo tempo, há novamente menção às expressões cristãs que metaforizam a missão de todo anarquista. O eu lírico, assim como Jesus Cristo, perdoa todos aqueles que não souberam compreender a sua mensagem e por isso acabaram condenando-o. Ao mesmo tempo, torna-se evidente a “função heróica” desse “eu”, ao afirmar que mais uma vez “deixa para trás” o cárcere e que é preciso transformar toda dor, todo sangue na “tocha que conduz”. Essa tocha, ou bandeira, levantada pelos ideais anarquistas foi fortemente conduzida nos movimentos operários ocorridos em todo o mundo, principalmente na Espanha e na Itália. O eu poético, ao final do soneto, “de olhos nele”, no lábaro anarquista, prosterna-se a rezar. O verbo *rezar* pode ser entendido como o ato de resignação desse “eu”, perante o sonho de uma sociedade mais justa, almejada por todos aqueles que morreram lutando pela igualdade social entre os Homens.

Os resultados apresentados demonstram que, diferentemente do afirmado por Tereza Ventura (2006), realmente existem em **Fonte perene** poemas que revelam concepções próprias da doutrina anarquista, como, por exemplo, a não aceitação de qualquer tipo de poder divino, o que acaba gerando uma luta constante pela desmistificação religiosa; a necessidade de trabalho em conjunto; a importância de o homem construir seu próprio caminho; a questão da igualdade entre os homens; o posicionamento do indivíduo como modelo a ser seguido e a noção de manifestação coletiva contra a continuidade de um poder centralizador. Contudo, mediando todas essas ideias, existe também um “espírito” filosófico que percorre a obra, profundamente preocupado com o homem e a humanidade, com a relação entre o humano e o divino, com a liberdade, a fraternidade, a solidariedade e o fim das tiranias dos céus e da terra.

BIBLIOGRAFIA

- BAKUNIN, M. **Deus e o Estado**. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2000.
- _____. **O princípio do Estado**. Três conferências feitas aos operários do Vale de Saint-Imier. Tradução Plínio Augusto Coelho. Brasília: Novos Tempos, 1989.
- BÍBLIA Sagrada**. 8. ed. Tradução dos originais hebraico, aramaico e grego, mediante a versão francesa dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico de São Paulo. São Paulo: Ave Maria, 1966.
- COSTA, C. T. **O que é o anarquismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- GODWIN, W. Educação pela vontade. In: WOODCOCK, G. Introdução e seleção. **Os grandes escritos anarquistas**. Tradução Júlia Tetamanzi e Betina Becker. Porto Alegre: L&PM, 1981, p. 250-3.
- GÓES, F. **Panorama da poesia brasileira**. vol. V, O Pré-Modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- HALL, M. M. & PINHEIRO, P. S. Alargando a História da classe operária: organização, lutas e controle. **Libertários & militantes**. Arte, memória e cultura anarquista. Remate de males. Campinas: Unicamp, n. 5, p. 96-120, 1985.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, 1 CD-ROM.
- KROPOTKIN, P. **A anarquia**. Sua filosofia, seu ideal. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.
- MALATESTA, E. **Autoritarismo e anarquismo**. Tradução e seleção Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2004.
- _____. **A anarquia**. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.

- NIETZSCHE, F. W. **Assim falou Zaratustra**. Tradução Mário da Silva. São Paulo: Círculo do Livro, [s/d].
- OITICICA, J. R. L. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. 2. ed. São Paulo: Econômica, 1983.
- _____. **Ação direta** Meio século de pregação libertária. Seleção, introdução e notas Roberto das Neves. Rio de Janeiro: Germinal, 1970.
- _____. **Fonte perene**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.
- _____. **Sonetos 2ª. série (1911-1918)**. Maceió: Ramalho, 1919.
- _____. **Sonetos (1905-1911)**. Rio de Janeiro: Carvalhaes, 1911.
- PRADO, A. A. **Trincheira, palco e letras**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- _____. **Libertários no Brasil : memórias, lutas, cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____ & HARDMAN, F. F. **Contos anarquistas: antologia da prosa libertária no Brasil (1901 – 1935)**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PROUDHON, P. J. **O que é a propriedade?** 3. ed. Tradução Marília Caeiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- REZENDE, A. P. **História do movimento operário no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- SCHIAVO, J. **Dicionário de personagens bíblicos**. Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: Tecnoprint. Ediouro/60400, (s/d).
- STIRNER, M. O Estado e o sagrado. In: WOODCOCK, G. Introdução e seleção. **Os grandes escritos anarquistas**. Tradução Júlia Tettamanzy e Betina Becker. Porto Alegre: L&PM, 1981, p. 81-4.
- TOLSTÓI, L. A violência das leis. **Letralivre**. Rio de Janeiro: Robson Achamé, ano 8, n. 39, p. 1, 2004
- VENTURA, T. **Nem barbárie nem civilização**. São Paulo: Annablume, 2006.
- WOODCOCK, G. **Anarquistas**. História da idéias e movimentos. vol. 2 O movimento. Tradução Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- _____. **Anarquismo**. Uma história das idéias e movimentos libertários. vol. 1 A idéia. Tradução Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 1983.

ⁱ Nas transcrições de textos de Oiticica, ao longo deste artigo, seguiu-se o método de respeitar integralmente a redação impressa, mesmo que esta contrarie a ortografia atual. Todos os sonetos apresentados são da obra **Fonte perene** (1954); para evitar repetição desnecessária, não houve a referência comumente utilizada de (AUTOR, Ano, página).